

## A DESCOBERTA DO MUNDO DE CLARICE CRONISTA

### *THE DISCOVERY OF THE WORLD BY THE CHRONICLER CLARICE*

**Layse Barnabé de Moraes<sup>9</sup>**

**RESUMO:** Clarice Lispector é uma das escritoras mais estudadas atualmente. Seus contos e romances são temas de aula de ensino médio e graduação e sua obra é objeto de pesquisa constante de muitos estudiosos da literatura. Mas Clarice também escreveu crônicas, e estas costumam ser deixadas um pouco de lado por aqueles que estudam a sua obra. Uma das explicações possíveis: o gênero é visto como menor por muitos pesquisadores. No entanto, de menor, só tem mesmo o tamanho. É um gênero ao rés do chão, que humaniza na sua despreensão, o que faz com que a crônica seja uma inesperada candidata à perfeição por sua profundidade singela, como bem notou Antonio Candido (1992). Este trabalho pretende lançar um olhar sobre a produção de Clarice como cronista, analisando suas características, singularidades, aproximações com outros gêneros, a fim de que se possa descobrir, mais profundamente, o mundo de Clarice Lispector cronista. Para isso, serão utilizadas algumas crônicas do livro *A descoberta do mundo*, que reúne a contribuição da escritora ao *Jornal do Brasil* de 1967 a 1973.

**Palavras-chave:** Crônica; Clarice Lispector; *A descoberta do mundo*.

**ABSTRACT:** Clarice Lispector is one of the most studied writers nowadays. Her short stories and novels are subjects of high school and undergraduate classes and her work is the object of constant research by many scholars of literature. But Clarice also wrote chronicles, and these are often overlooked by those who study her work. One of the possible explanations: this literary genre is seen as minor by many researchers and critics. However, smaller, it is only its size. It is a genre on the ground floor, that humanizes in its unpretentiousness, which makes the chronicle an unexpected candidate for perfection due to its simple depth, as noted by Antonio Candido (1992). This work intends to take a look at Clarice's production as a chronicler, analyzing her characteristics, singularities, approximations with other genres, in order to discover, more deeply, the world of Clarice Lispector chronicler. For this purpose, some chronicles from the book *A descoberta do mundo* will be used, which brings together the writer's contribution to *Jornal do Brasil* from 1967 to 1973.

**Keywords:** Chronicle; Clarice Lispector; *A descoberta do mundo*.

---

<sup>9</sup> Mestra em Estudos Literários (UEL). Doutoranda em Letras (UEL). E-mail: laysebmoraes@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Clarice Lispector é uma das escritoras brasileiras mais reconhecidas pelo público e pela crítica, mesmo já passados mais de 40 anos de sua morte. Uma rápida busca no Google Scholar aponta para mais de 34 mil resultados de trabalhos, incluindo livros e artigos que focalizam de alguma forma a obra da autora. Quando pesquisado por “Clarice Lispector conto”, mais de 14 mil resultados aparecem. Já quando pesquisado por “Clarice Lispector crônica”, os resultados caem para 9 mil, apesar de ainda serem números significativos. Seus contos e romances são temas de aulas de ensino médio e graduação, seus livros já fizeram e ainda fazem parte de listas de vestibulares, sua obra é objeto de pesquisa constante dos estudos da literatura. É possível afirmar que é raro o estudante de Letras que nunca teve contato com algum conto da escritora, como o “O primeiro beijo” ou “Amor”, aquele do livro *Felicidade clandestina* e este de *Laços de família*, bastante representativos do estilo de Clarice. Mas e quanto à crônica?

O que chama atenção em biografias da escritora e histórias literárias é o destaque menor para a Clarice cronista. Em *História concisa da literatura brasileira*, por exemplo, Alfredo Bosi (1985) não faz nenhum comentário sobre as crônicas de Clarice, atendo-se primeiro aos romances e depois aos contos. Mesmo em nota de rodapé, quando destaca algumas obras da autora, ele curiosamente pula os livros de crônicas. Esse olhar (ou não olhar) para as crônicas da autora encontra eco, infelizmente, em um certo descaso com o gênero crônica por parte da academia, como se este fosse um gênero menos literário ou relevante. É certo que a atenção que Clarice ganhou como escritora não foi fruto da crônica, já que sua estreia na literatura foi como romancista e só a partir da década de 1960 é que começou a escrever e publicar crônicas, como vemos abaixo, num resumo do percurso literário da autora.

Com base na cronologia que consta no livro fruto da exposição sobre Clarice no Museu da Língua Portuguesa (São Paulo), em 10 de dezembro de 1920, nasceu na pequena cidade de Tchetchelnik, Ucrânia, Haia Lispector. Terceira filha do comerciante Pinkouss e de Mania Lispector, a menina Haia nasceu em meio à tentativa da família de fugir da perseguição aos judeus. Dois anos depois, a família conseguiu vir para o Brasil,

chegando a Maceió. Aos dois anos, assim como a maior parte da família, Haia trocou de nome e foi chamada a partir daí de Clarice Lispector. Ainda na infância, em 1931, Clarice, com seus então 11 anos e já morando em Recife, escreve contos para a seção infantil do Diário de Pernambuco, mas seus textos são recusados por tratarem de sensações ao invés de fatos — o que nos dá pistas de que Clarice começa a trilhar o caminho de sua literatura desde muito cedo. O que emerge da sua obra já nos seus primeiros anos atesta que Clarice seguiu, independentemente do gênero literário, fiel à sensação. E não fez concessões, como ela mesma afirma em sua última entrevista, em 1977, ao programa Panorama, da Tv Cultura. Em 1935, a família Lispector se muda para Rio de Janeiro e Clarice passa a frequentar uma biblioteca do bairro, perto da sua casa na Tijuca. É aí que ela tem contato com Herman Hesse, que a impressiona muito, Julien Green, Rachel de Queiroz, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Dostoiévski. Nos anos seguintes, inicia seus estudos na Faculdade Nacional de Direito e em 1940 publica seu primeiro texto na imprensa: o conto “Triunfo” que sai no semanário *Pan*. Em 1942 escreve seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, que teve ótima recepção — ganhou o Prêmio Graça Aranha em 1943 e recebeu críticas favoráveis de Antonio Candido, Guilherme Figueiredo, Sérgio Milliet, Álvaro Lins, entre outros críticos literários da época. Este último viu em Clarice uma grande influência de Virginia Woolf e James Joyce — mais tarde Clarice afirmaria que nessa época ainda não havia lido nenhum dos dois escritores.

Com base em informações disponibilizadas na página dedicada à Clarice Lispector do Instituto Moreira Salles, que possui o arquivo da escritora, depois de *Perto do coração selvagem*, foram publicados outros sete romances — entre eles *A paixão segundo G.H.* e *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*; seis livros de contos — incluindo *Laços de família*; uma novela (*A hora da estrela*); dois livros de crônicas (*Para não esquecer*, de 1978, e *A descoberta do mundo*, de 1984) e cinco infantis, além de diversas antologias, muitas delas compostas somente a partir de textos seus, como *Aprendendo a viver* (2004), *Clarice na cabeceira – crônicas* (2010) e *Todas as crônicas* (2018), estes últimos voltados ao gênero neste artigo discutido. Clarice morreu em 1977, um dia antes de completar 57 anos.

Este artigo, como traz já em seu título — “A descoberta do mundo de Clarice cronista” —, constrói-se a partir do livro de crônicas *A descoberta do mundo*, que reúne a contribuição de Clarice ao *Jornal do Brasil* de 1967 a 1973. Nelas, segundo o que escreve na orelha do livro a Doutora em Literatura Sylvia Perlingeiro Paixão, o mistério clariceano, tão presente em contos e romances, vai sendo aos poucos revelado, temperado pelo toque pessoal, subjetivo e até mesmo bem humorado da autora: “o cotidiano transfigurado pelo olhar de Clarice” (PAIXÃO, 1999, s.p.).

Tendo como base teórica os estudos sobre o gênero crônica, pretende-se aqui tecer uma reflexão sobre as crônicas de Clarice a fim de que se possa descobrir um pouco mais do mundo da escritora por outro viés, atravessado por esse gênero literário, tantas vezes posto em segundo lugar: a crônica. Assumindo ser impossível dar conta da totalidade das crônicas escritas por Clarice (são 468 só em *A descoberta do mundo*), ainda mais em um trabalho de curto fôlego como um artigo, foram selecionadas quatro crônicas: “Ser cronista”, “O milagre das folhas”, “Lição de filho” e “Apenas um cisco no olho”. O critério usado para a seleção foi o de que elas funcionam como uma amostra pequena, mas expressiva, do que leitores e leitoras podem encontrar nas crônicas de Clarice como um todo. Nesse caso, as crônicas tocam em pontos como o fazer literário, o fato miúdo, a desmistificação de Clarice e a epifania, que serão focalizados mais além, servindo então como um convite para descobrir essa faceta do mundo clariceano a partir desses escritos.

## A CRÔNICA

Em relação à crônica, temos que tomar cuidado com a tendência à definição limitadora, mas faz-se necessário citar alguns conceitos para que as características do gênero sejam explicitadas. Para Afrânio Coutinho (1986), existem cinco diferentes tipos de crônica: crônica narrativa, metafísica, poema-em-prosa, crônica-comentário e crônica-informação. No entanto, o fato de existirem cinco tipos não faz com que uma crônica se enquadre em apenas um deles, podendo transitar por um ou mais modelos.

A crônica narrativa seria um texto “cujo eixo é uma estória ou episódio” (1986, p. 133), aproximando-se assim do conto. A crônica metafísica seria aquela, ainda segundo Coutinho (1986), voltada para reflexões de cunho filosófico, debruçando-se

sobre acontecimentos ou sobre a vida em si: “É o caso de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou disreter filosoficamente” (1986, p. 133). Já a crônica poema-em-prosa, assim como já fica explícito no próprio nome, seria aquela que possui conteúdo lírico, partindo, pois, de um eu e seus derramamentos subjetivos, “mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado” (1986, p. 133). É o caso do maior nome da crônica brasileira, Rubem Braga, o primeiro escritor a ser conhecido acima de tudo pela sua produção como cronista. Também há a crônica-comentário, que “tem como principal característica a variedade de temas, acumulando muita coisa diferente ou díspar” (1986, p. 133). Por fim, a crônica-informação, aquela que mais se aproxima da escrita jornalística, tendo em vista que informa e divulga fatos, “aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal” (1986, 133).

Quando falamos das crônicas de Clarice encontradas em *A descoberta do mundo*, elas acabam percorrendo todas as definições citadas anteriormente, com predomínio da crônica metafísica, narrativa e poema-em-prosa. Mas não é o intuito deste artigo encaixá-las ou mapeá-las de acordo com alguma delimitação, tendo essa informação exposta apenas pela relevância de destacar a pluralidade de tons e caminhos tomados pela escritora.

No prefácio de *As cem melhores crônicas brasileiras do século*<sup>10</sup>, Joaquim Ferreira dos Santos diz que “a crônica brasileira tem uma cara própria, leve, bem-humorada, amorosa, com o pé na rua” (2007, p. 15). Quem vê de longe, às vezes pensa que, por conta desse caráter desprezioso, a crônica é menos literatura do que um poema, um conto ou um romance. Mas não sejamos ingênuos... “parecem textos ligeiros, simples e superficiais, tamanha a facilidade de leitura. São pequenas obras-primas de emoção baseadas nos espantos e alegrias, decepções e surpresas do cotidiano” (SANTOS,

---

<sup>10</sup> Entre as crônicas selecionadas para compor *As cem melhores crônicas brasileiras do século*, há três de Clarice Lispector: “Crônica social”, “O milagre das folhas” (parte do *corpus* do presente artigo) e “Medo da eternidade”.

2007, p. 19). O fato é que a crônica é um gênero polimórfico, como também destaca Margarida de Souza Neves (1995).

João Paulo Cuenca (2012), escritor brasileiro contemporâneo, também defende o valor da crônica enquanto uma expressão de alto nível e destaca o caráter subjetivo a partir de um olhar íntimo, ainda que não seja tão valorizada quanto outros gêneros no circuito acadêmico:

A crônica é uma arte, uma expressão de alto nível, ainda que seja subestimada pela academia. Esse gênero literário essencialmente brasileiro sempre traz um ponto de vista subjetivo, um recorte delimitado pelo modo de alguém ver o mundo. A crônica é o cronista. É como olhar pelo buraco da fechadura e ver algo muito íntimo ali.

É como ter aquele olhar de criança desacostumada às coisas. Isso é o mais importante a ser desenvolvido por alguém que deseja se tornar um cronista. Uma pessoa que não sai de casa não pode ser cronista, é preciso ver o mundo. Já a poesia e o romance exigem um recolhimento. Talvez a crônica seja o gênero de literatura urbana por excelência (CUENCA, 2012).

Entre várias características elencadas por teóricos e historiadores, destaca-se a tendência a tratar de temas prosaicos, pequenos eventos do cotidiano, fatos miúdos:

A crônica está no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, mas, puxa uma palavra daqui, “uma reminiscência clássica” dali, e coloca-se de pé uma obra delicada de observação pessoal. [...] Não vale o que está escrito, mas como está escrito. [...] Ou seja, receita de crônica é uma obra particular, onde cabem quase todos os ingredientes mas, por favor, com muito molho. As de Clarice Lispector vêm regadas de azeites da alma (SANTOS, 2007, p. 17).

Na crônica, “o fato escolhido como tema era desde o início um detalhe de somenos, uma desimportância qualquer, um pretexto reles para que o escritor, esse ‘vira-lata’ talentoso, viajasse a pena e desse uma geral na humanidade” (SANTOS, 2007, p. 17). Essa citação de Santos faz refletir sobre como as características da crônica dialogam com a literatura de Clarice como um todo, que não se faz de grandes temas, mas desses detalhes de somenos ou uma desimportância qualquer, que acabam servindo de pretexto

para que a escritora mergulhe em reflexões profundas sobre a condição humana. Segundo Fábio Lucas (1987, p. 60), a prosa de Clarice “é um posicionamento sobre a validade da palavra como alavanca para remover um impedimento existencial. [...] Temos uma narrativa que fala de si, que conduz um processo de busca”.

## “SER CRONISTA” - UM PANORAMA DAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

Em relação às crônicas de Clarice Lispector, Benjamin Moser, biógrafo da escritora, conta que ela estreou como cronista no dia 19 de agosto de 1967. Era então o apogeu da crônica, mas a escritora se sentia constantemente insegura em sua incursão no gênero: “Clarice temia não estar à altura da tarefa e confessou várias vezes, ao longo dos seis anos e meio de colaboração com o JB, que se sentia um pouco intimidada pelo gênero” (MOSER, 2009, 417). Moser também nota que, apesar da intimidação, Clarice trazia para as crônicas os seus temas metafísicos, presentes nos contos e romances, mas ia além, tocando em questões mais pessoais, como maternidade e vida privada, mesclando despreensão a profundos mergulhos íntimos:

Nas crônicas, Clarice não abandonava muitos de seus velhos **temas metafísicos**, mas também **registrava sua vida** de mãe e dona de casa em **termos diretamente pessoais**. “Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei **sendo pessoal**”, disse ela numa coluna. Escrevia sobre seus filhos, seus amigos, suas empregadas, sua infância, suas viagens, de tal maneira que *A descoberta do mundo*, a reunião póstuma das colunas, é o que Clarice deixou de mais parecido com uma autobiografia.

Seu estilo “conversa íntima de sábado” desagradou alguns dos cardeais do gênero, que julgavam a coluna de jornal uma arte menor. Até mesmo Rubem Braga, amigo desde Nápoles, aparentemente a criticou, recebendo uma resposta pública: “Uma pessoa me contou que Rubem Braga disse que eu só era boa nos livros, que não fazia crônica bem”, escreveu Clarice. “É verdade, Rubem? Rubem, eu faço o que posso. Você pode mais, mas não deve exigir que os outros possam. Faço crônicas humildemente, Rubem. Não tenho pretensões. Mas recebo cartas de leitores e eles gostam. E eu gosto de recebê-las (MOSER, 2009, p. 417-418, grifo meu).

Alguns desses questionamentos podem ser vistos na crônica “Ser cronista”, em que o fazer literário e o caráter indefinível do gênero são os assuntos tratados por Clarice. Escrita em 1968, segundo ano de sua colaboração para o *Jornal do Brasil*, percebemos nessa crônica a discussão sobre o seu papel de cronista:

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade, eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender (LISPECTOR, 1999, p. 112).

Usando palavras que remetem à interiorização e à investigação, como “meditado” e “tatear sozinha”, que dizem também sobre características do gênero crônica, Clarice continua perguntando o que é uma crônica e se revela com medo do ofício de cronista. Reflexões assim também estão presentes em várias outras crônicas, o que demonstra a preocupação de Clarice e a tentativa de reflexão sobre o fazer literário, que também é usado como mote para as crônicas:

Crônica é um relato? É uma conversa? É um resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de eu começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo (LISPECTOR, 1999, p. 112-113).

Em nota de abertura de *A descoberta do mundo*, Paulo Gurgel Valente, filho da escritora, chama atenção para algo a ser observado: as crônicas de Clarice, apesar de assim serem chamadas, fogem de uma definição objetiva de gênero: “Julgamos que seria importante oferecer ao leitor esta visão geral, que de outra forma ficaria dispersa, destes textos que não se enquadram facilmente em crônicas, novelas, contos, pensamentos, anotações” (VALENTE, 1999, p. 3). Além do caráter polimórfico da crônica, também lidamos com o caráter polimórfico de Clarice. Avisados e também abertos à fiel perseguição clariceana ao que se sente estruturado como linguagem, vamos às outras crônicas.

## “O MILAGRE DAS FOLHAS”



Na crônica “O milagre das folhas”, publicada em 1969, Clarice se apropria de um tema “grande”, o milagre, e primeiro afirma que a ela não acontecem coisas assim. Logo depois diz que sim, que ela já vivera algo do tipo. Mas o seu milagre, como boa cronista, não está em grandes visões ou curas, mas em um pequeno gesto da natureza, visto como único pelo olhar atento e minucioso da escritora:

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso basta-me como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que são de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria”. Meus objetos quebram-se banalmente e pelas mãos das empregadas.

Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada (LISPECTOR, 1999, p. 165).

Percebemos, já no início, a contraposição da ideia do sobrenatural ao cotidiano, construída pelo eu da cronista<sup>11</sup> com a imagem dos objetos que se quebram banalmente. Outra coisa a se notar é que, para o eu da cronista, milagres pouco importam. Há aí, por outro lado, a defesa do acaso. Então afirma: “Milagre, não. Mas as coincidências”. Há na coincidência qualquer coisa de banal que, de repente, salta aos olhos em determinado momento e o faz, de alguma forma, eterno. E não seriam esses os milagres possíveis? Nas crônicas de Clarice, existem muitos desses instantes de pequenas

---

<sup>11</sup> Optou-se aqui por utilizar o termo eu do(a) cronista, cunhado por Luiz Carlos Santos Simon (2020), e que tem como norte a diferenciação entre o autor empírico e a voz da crônica. Nas palavras dele: “Não se trata de confundir esta primeira pessoa que se manifesta no texto – a quem nos referimos como eu do cronista – com a figura real do autor, embora esta associação seja até possível por algumas marcas textuais; nem é o caso de interpretar as motivações expressas como experiências autênticas”.

epifanias — também encontrados em seus contos e romances. Um momento sutil, é certo, mas que possui a força do instante singular que o faz quase indizível, e que também parece tocar na (in)definição poética: “mal se eu falasse nele, já estaria falando em nada”.

O eu da cronista então confessa que há, sim, um milagre, mas se trata de um milagre diferente:

Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento cai-me uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso acontece-me tantas vezes que passei a considerar-me modestamente a escolhida das folhas.

Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei Deus de uma grande delicadeza (LISPECTOR, 199, p. 165-166).

O milagre que o eu da cronista possui é pequeno: o milagre das folhas, mas ganha profundidade e grandeza pelo trabalho com a linguagem, que singulariza o fato miúdo, uma das características principais da crônica, essas pequenezas do mais dia, menos dia, que servem de assunto, desculpa e oportunidade para a criação literária.

Antonio Candido (1992, p.13-14) escreve em “A vida ao rés do chão” que é sorte nossa a crônica ser um gênero “menor”, pois assim, como quem não quer nada, ela se aproxima de nós:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

O simples fato de uma folha de árvore cair sobre o cabelo já é o suficiente para chamar atenção e virar assunto de crônica, sendo singularizado e eternizado. A escrita comovente de Clarice mostra nessa crônica toda a sua carga de sensibilidade, que

engrandece as pequenezas — folhas são retiradas do cabelo e guardadas na bolsa como se fossem diamantes. Mas se engana quem pensa que, como uma joia, elas serão mantidas ali para sempre. Muito pelo contrário. O valor se encontra no cair, apreendido pelo olhar da cronista, e não no “fetiche morto da lembrança”; a delicada alegria está em ser aberta ao acaso, “escolhida” entre tantos outros passantes para receber folhas nos cabelos. Essa pequena coisa é o milagre do eu da cronista e o que nos faz chamar esse texto de crônica.

## “LIÇÃO DE FILHO”

Na crônica anterior, vemos o olhar singular sobre um acontecimento banal por meio da observação sensível do cair de uma folha. Na pequena crônica “Lição de filho”, publicada em 1968, vemos novamente a presença do cotidiano, mas agora ao lado de uma Clarice menos mítica, que recupera uma conversa com o filho. Essa crônica (e a crônica clariceana de maneira geral) quebra a imagem de mito tantas vezes construída pelos leitores e leitoras quando em contato com romances, contos e também com a própria imagem de Clarice. Ela mesma falou sobre a percepção mítica que causava nas pessoas em entrevista a *O Pasquim*, em 1974: “Parece que me mitificaram. Eu sou uma mulher simples. Não tenho nada de sofisticação. As entrevistas que dou são para explicar que não sou um mito. Sou uma pessoa como outra qualquer” (LISPECTOR, 1974). Por ser um gênero ao rés do chão, assim como marca Antonio Candido (1992), a crônica aproxima e desmistifica, indo na contramão do distanciamento, do pedestal, da mitificação, “transformando a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um” (CANDIDO, 1992, p. 14).

A crônica “Lição de filho” se constrói a partir dessa tentativa de desmistificação da autora e se inicia com um ensinamento que o eu da cronista recebera de seus filhos:

Recebi uma lição de um de meus filhos, antes dele fazer 14 anos. Haviam me telefonado avisando que uma moça que eu conhecia ia tocar na televisão, transmitido pelo Ministério da Educação. Liguei a televisão, mas em grande dúvida. Eu conhecera essa moça pessoalmente e ela era excessivamente suave, com voz de criança, e de um feminino-infantil. E eu me perguntava: terá ela força no piano? Eu a conhecera num momento muito importante: quando ela ia escolher a

"camisola do dia" para o casamento. As perguntas que me fazia era de uma franqueza ingênua que me surpreendia. Tocaria ela piano? (LISPECTOR, 1999, p. 138).

Depois de falar rapidamente sobre a lição sem ainda a entregar, o eu da cronista passa a falar sobre uma ligação que recebera avisando que uma conhecida, vista como frágil e ingênua por ela, tocaria piano na televisão. Para sua surpresa, a pianista, tão logo começou a tocar, demonstrou uma força absurda e irreconhecível:

Começou. E, Deus, ela possuía a força. Seu rosto era um outro, irreconhecível. Nos momentos de violência apertava violentamente os lábios. Nos instantes de doçura entreabria a boca, dando-se inteira. E suave, da testa escorria para o rosto o suor. De surpresa de descobrir uma alma insuspeita, fiquei com os olhos cheios de água, na verdade eu chorava. Percebi que meu filho, quase uma criança, notara, expliquei: estou emocionada, vou tomar um calmante. E ele: -Você não sabe diferenciar emoção de nervosismo? você está tendo uma emoção.

Entendi, aceitei, e disse-lhe:

-Não vou tomar nenhum calmante.

E vivi o que era pra ser vivido (LISPECTOR, 1999. p. 138).

A escolha por não se anestesiarem e se entregarem ao fluxo, às associações e ao jorro subjetivo, estruturados pela linguagem, estão muito presentes nas crônicas de Clarice, cheias de intensidade em meio à aparente ingenuidade — exatamente como se passa com a pianista.

De repente, disfarçados entre temas supostamente ingênuos, eis o arrebatamento e o milagre, ínfimo e pujante ao mesmo tempo. Assim é a Clarice cronista. A escritora, que mergulha tão fundo na experiência humana em seus romances e contos, parece ficar mais na superfície em suas crônicas, mas não. Olhando com atenção, vemos que a Clarice cronista também acaba sendo para quem lê “uma surpresa de descobrir uma alma insuspeita”, um mergulho fundo, mesmo em uma forma breve. Tomados pela emoção, assim como o eu da cronista, entendemos, aceitamos e também dizemos daqui: “e vivi o que era para ser vivido”.

## “APENAS UM CISCO NO OLHO”

Como última crônica focalizada aqui, publicada no dia 29 de dezembro de 1973, fechando o livro *A descoberta do mundo*, “Apenas um cisco no olho” é um fechamento; consegue resumir e servir de desfecho para o que se pretende no presente artigo: um passeio reflexivo pelas crônicas de Clarice Lispector e um convite para que cada um siga à sua maneira depois do fim. Nessa crônica, Clarice começa com um assunto banal: o incômodo de ter um cisco no olho. Porém o tema vai se desdobrando e se transformando, ganhando novos contornos para o eu da cronista por meio do foco no mundo interior a partir de um pequeno gatilho externo. Partindo de uma mera confissão, à primeira vista sem importância, nos deparamos com um mergulho cada vez mais profundo sobre a existência:

E de repente aquela dor intolerável no olho esquerdo, este lacrimejando, e o mundo se tornando turvo. E torto: pois fechando um olho, o outro automaticamente se entrefecha. Quatro vezes no decorrer de menos de um ano um objeto estranho agrediu meu olho esquerdo: duas vezes ciscos não identificados, uma vez um grão de areia, outra um cílio. Das quatro vezes tive que procurar um oftalmologista de plantão. Da última vez perguntei àquele que realiza sua vocação através de cuidar por assim dizer de nossa visão do mundo: por que sempre o olho esquerdo? É simples coincidência? Ele respondeu que não. Que por mais normal que seja uma vista, um dos olhos vê mais que o outro e por isso é mais sensível. Chamou-o de olho diretor. E este, por ser mais sensível, prende o corpo estranho, não o expulsa.

Quer dizer que o melhor olho é aquele que é a um só tempo mais poderoso e mais frágil, atrai problemas que, longe de serem imaginários, não poderiam ser mais reais que a dor insuportável de um cisco ferindo e arranhando uma das partes mais delicadas do corpo. Fiquei pensativa.

Será que é só com os olhos que isso acontece? Será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre? E a que mais se estraçalha com dores tão reais quanto um cisco no olho. Fiquei pensativa.

Pois, como eu ia dizendo, lembrei-me do Ano-Novo, assim, de repente. Desejo um 1974 muito feliz para cada um de nós (LISPECTOR, 1999, p. 477-478).

O olho ganha profundidade e diz sobre visão de mundo, virando metáfora da existência e suas contradições. “Fiquei pensativa”, o eu da cronista confessa e entrega o mais fundo do assunto: a lógica talvez não seja válida apenas para olhos, mas também para pessoas. Logo, a pessoa que mais vê é também a que mais sente e a que mais sofre: “poderoso e frágil”. Há força na fragilidade e a sensibilidade é também potência.

O encontro do eu da cronista com o mais real de si mesma subitamente se desfaz e volta-se ao tom prosaico com naturalidade quase forçada: “Pois, como eu ia dizendo, lembrei-me do Ano-Novo, assim, de repente. Desejo um 1974 muito feliz para cada um de nós”. Essa ruptura aparece muitas vezes nos textos de Clarice de todos os gêneros literários. Ela constrói, pela linguagem, um lugar acolhedor e ao mesmo tempo desconfortável, em que o poderoso e o frágil, o dolorido e o incômodo emergem sem que se possa voltar atrás - mesmo com a tentativa de retorno ao que é rotineiro, como acontece no final dessa crônica e como acontece também, por exemplo, no fim do conto “Amor”: “E, se atravessara o amor e seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia” (LISPECTOR, 2009, p. 29). Sobre esse constante retorno à ordem, Bosi (1985, p. 479) ressalta que “há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio”. Isso também é válido para as crônicas da escritora. O que fica, no entanto, a despeito do destaque para o tempo cronológico e desse aparente equilíbrio no remate da crônica, como se as coisas voltassem a correr normalmente, é que, tão logo o ponto final aparece, somos nós os afetados com o grão de areia nos olhos: sentimos muito.

## O OLHAR DE CRONISTA DE CLARICE

Depois dessa volta sobre a crônica e, mais especificamente, sobre as crônicas de Clarice Lispector, é preciso discordar de Rubem Braga. Não se pode negar que Clarice escreveu crônicas com a mesma maestria com que caminhou pelo romance e pelo conto. E, mais do que isso: Clarice Lispector traz em todos os gêneros características caras à crônica —acontecimentos do dia a dia, fatos miúdos, elementos prosaicos que são elevados à potência máxima pelos atravessamentos subjetivos —, fato que não pode ser esquecido e que pode ser um caminho para uma pesquisa mais aprofundada. Isso me faz acreditar que Clarice é cronista em tudo o que faz, ou seja, carrega consigo um olhar de cronista em todos os gêneros ao lidar sempre com o cotidiano que se revela.

Claro que é preciso levar em conta que quando Clarice começa a escrever crônicas, dez anos antes de sua morte, ela já havia transitado anteriormente por romances e contos, sendo uma escritora respeitada, dona de um estilo único, reconhecida por público e crítica. É com essa bagagem que ela estreia como cronista. Mesmo assim, é preciso destacar que o que chama atenção na literatura clariceana como um todo não é o enredo, a ação, mas sim a forma de trabalhar a linguagem sempre a partir desse olhar ao fato miúdo, tão caro à crônica.

Desde *Perto do coração selvagem*, de 1943, seu romance de estreia, em que temos contato com as memórias de Joana e sua percepção do mundo e das coisas, passando pelo emblemático romance *Paixão segundo G.H.*, em que um encontro com uma barata leva à narradora-personagem à experiência limite, e também tendo em vista contos como “Felicidade clandestina”, do livro homônimo, em que a angústia por ler *As reinações de Narizinho* leva a narradora-personagem, uma criança, à elucubração que mais parece um ensaio sobre o desejo e a falta, até chegar às crônicas aqui focalizadas, há sempre uma mesma essência, uma linhagem.

Para Alfredo Bosi (1985), os romances e contos de Clarice possuem uma exacerbação do momento interior e um verdadeiro salto do psicológico para o metafísico. E isso pode ser visto também em suas crônicas. Além disso, pode-se afirmar que a literatura de Clarice traz constantemente quatro elementos fundamentais: o fato miúdo, o cotidiano, o momento de epifania e o mergulho no íntimo. O fato de esses elementos

estarem também em suas crônicas faz com que sua incursão no gênero seja um terreno fértil, um cisco no olho, uma folha que cai exatamente sobre os cabelos.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Ruy Barbosa, 1992. p. 13-22.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CUENCA, João Paulo. *Entrevista*. Disponível em: <<http://www.colheradacultural.com.br/content/o-escritor-joao-paulo-cuenca-em-entrevista-ninguem-levanta-a-mao-e-diz-quero-ser-cronista.php>> Acesso em 29 outubro 2012.

GULLAR, Ferreira; PEREGRINO, Julia (curadoria). *Clarice Lispector: A hora da estrela*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *Clarice*. Rio de Janeiro: O Pasquim, 1974. Disponível em: [http://www.memoriaviva.com.br/arquivos/clarice\\_pasquim\\_jun1974.pdf](http://www.memoriaviva.com.br/arquivos/clarice_pasquim_jun1974.pdf). Acesso em: 03 dez 2020.

LUCAS, Fabio. *Clarice Lispector e o impasse da narrativa contemporânea*. Florianópolis: Travessia, 1987.

NEVES, Margarida de Souza. *História da crônica. Crônica da história*. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Orelha. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SIMON, Luiz Carlos Santos. *Impasses em torno da crônica*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/iv/completos/comunicacoes/Luiz%20Carlos%20Santos%20Simon.pdf>. Acesso em 03 de set 2020.

VALENTE, Paulo Gurgel. Nota. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 3.